

O RECITAL DE BAHAUDDIN NAQSHABAND

O conhecimento é como água, a fonte da vida. Olha à sua volta, está em todos os lugares: torrentes de chuva, rios, lagos, oceanos ... Ainda assim, cada um recebe de acordo com seu destino, de acordo com as suas necessidades, na quantidade adequada ao volume do seu cálice.

Quando eu estava vagueando por este mundo temporal, Allah me conduziu para este caminho reto. Andando nele, num estado situado entre o sono e o despertar, como se num sonho, eu cheguei a uma cidade que estava nas trevas. Era tão vasta, que eu não podia sequer ver ou conceber seus limites. Esta cidade continha tudo que havia sido criado. Haviam pessoas de todas as nações e raças. As ruas estavam tão apinhadas de gente que dificilmente dava para caminhar, tão barulhentas eram que dificilmente se poderia ouvir a si mesmo ou aos demais. Todas as ações horrendas, de todas as criaturas, todos os pecados conhecidos ou desconhecidos para mim, estavam lá, à minha volta. Em espanto e maravilha eu observei aquela estranha cena.

Na distância, no centro aparente desta cidade, havia uma outra cidade, de altas paredes, enorme em tamanho.

O que observei à minha volta me fez pensar que nunca, desde os inícios do tempo, havia um único raio de sol da verdade caído sobre esta cidade. Não somente estavam na mais completa escuridão o céu e as ruas, as casas desta cidade, mas também os seus habitantes, que se assemelhavam a morcegos, com mentes e corações tão negros como a noite. Suas naturezas e seu comportamentos eram como aqueles de animais selvagens. Rosnando e lutando uns com os outros por um naco de comida, obcecados com paixões e ódio, eles matavam-se entre si e se despedaçavam. Seus únicos prazeres eram a bebida e o sexo desavergonhado, sem discriminação entre homem ou mulher, esposas, maridos ou outros. A mentira, a fraude, a maledicência, intrigas e o roubo eram os seus hábitos, com uma total falta de respeito e preocupação para com o próximo, uma total ausência de consciência e temor a Allah. De fato, alguns deles eram mesmo considerados como homens sábios - sheiques, professores, homens de conhecimento e pregadores.

Alguns dentre eles estavam cômicos dos mandamentos de Allah, daquilo que era certo e legal frente aos olhos de Allah e dos homens, e daquilo que era proibido. Estes homens tentaram agir sobre isso e apreciaram isto e não mais podiam se associar com as gentes da cidade. Nem as gentes da cidade os podiam tolerar. Ouvi falar que eles se refugiaram na cidade murada que eu havia visto no centro deste reino.

Fiquei nesta cidade por algum tempo. Aos poucos encontrei aqueles que podiam me ouvir, e compreender o que eu falava. Eu lhes perguntei o nome daquele local. Eles me disseram que era Ammara, a cidade imperial, a cidade da liberdade, onde todos faziam o que queriam. Inquiri sobre os seus estados. Eles me disseram que esta era a cidade da alegria, que surgia da irresponsabilidade e do descuido. Na maravilhosa escuridão que a rodeava, cada um pensava que ele era o único no local. Eu lhes perguntei o nome do governante. Eles me informaram que era chamado de Agli Ma 'ash, Sua Esperteza Altíssima, e que ele era um astrólogo, um feiticeiro, um engenheiro que inventava coisas, um médico que dava vida para aqueles que de outra maneira morreriam, um rei inteligente e erudito, sem igual neste mundo.

Seus conselheiros e ministros eram chamados de Lógica, seus juizes se apoiavam na antiga lei do Bom Senso, seus servos eram chamados de Imaginação e Fantasia. Eles me disseram que todos os habitantes da cidade eram completamente leais ao seu mestre, não somente respeitando e apreciando-o e ao seu governo, mas o amando, porque sentiam uma afinidade na sua natureza, costumes e hábitos.

Eu, possuidor da mesma inteligência, e com ela reconhecendo que realmente o rei desta cidade era o mestre perfeito de todas as ciências deste mundo, desejei conhecer estas artes para me tornar rico e famoso. Permaneci ali por algum tempo, a serviço do rei, e dele aprendi muitas coisas espertas. Aprendi a comerciar, a política, ciências militares, a manufatura de armas, as leis do homem, e artes para glorificação do ser humano. Tornei-me famoso mundialmente. As pessoas apontavam para mim e falavam de mim, e o meu ego se rejubilava. Já que todas as partes do meu ser estavam debaixo da influência da minha inteligência mundana, elas todas encontravam forças e energias no rejubilar do meu ego e nos prazeres da carne, sem qualquer consideração se isso machucava aos outros ou mesmo a mim.

Algo dentro de mim, de tempos em tempos, via que tudo isto estava errado, mas eu não tinha força ou a habilidade de evitar o que estava acontecendo. Aquilo que via, estava machucando e desejava sair desta escuridão, desta cidade. Num destes momentos, quando a dor estava mais aguda, fui até o meu mestre, o rei, Sua Alteza Espertíssima e corajosamente lhe perguntei: "Como é que os homens de conhecimento de vosso reino nunca agem no conhecimento e medo de Allah? Como é que ninguém nesta cidade teme a punição de Allah, enquanto temem a vossa punição? Como é que não há luz aqui dentro, nem fora, nem dentro dos corações das pessoas? Como é que vossos súditos parecem-se com seres humanos, mas ainda assim a sua natureza é a de animais selvagens, ou até pior?"

Ele respondeu: "Eu - aquele que pode imaginar como obter proveito pessoal deste mundo, mesmo que o meu benefício seja às custas dos outros - sou o rei ideal. Eu tenho neles, e em cada um, um agente meu. Eles são meus servos e servos dos meus agentes dentro de cada um, mas eu também tenho um mestre que me guia, que é o Demônio. Ninguém aqui é capaz de mudar seus modos, e todos estão contentes e pensam apenas em si próprios como melhores que os demais. Nenhum quer mudar, e, portanto, nunca irão se modificar."

Quando eu ouvi isto, desejei abandonar aquela cidade, e tentei escapar. Mas conhecedor das forças do rei sobre tudo, eu lhe pedi permissão para sair: "Oh, meu senhor absoluto", disse-lhe, "vós fizestes-me tanto, e me destes tudo o que tenho. Que vida deliciosa eu vivi debaixo da vossa tutela. Vós me vestistes com ricas peles, destes-me companheiros para jogos e divertimentos. Nem sequer a jogatina e a embriaguez foram por vós proibidos. Eu saboreei todos os prazeres, e sinto que recebi a minha parte. Sabeis que vim a esta cidade como mero viajante? Permiti-me ir para aquele castelo imenso que vejo no meio da vossa cidade."

O rei me respondeu dizendo: "Eu também governo aquele castelo. Aquele distrito é chamado de Lawwama, Auto-Avaliação, mas as pessoas ali não são as mesmas que você conhece aqui. Nesta cidade imperial, o nosso ídolo é o Demônio. Nem ele nem eu acusamos ninguém pelo que faz. Na cidade da Auto-Avaliação, a imaginação não possui controle total. Eles também fazem aquilo que é pecado - eles cometem adultério,

satisfazem seus desejos com homens e mulheres, bebem e jogam, roubam e matam, discutem e fazem intrigas, mas, com frequência, eles vêem o que fizeram, perturbam-se e arrependem-se."

Assim que terminei de falar com o mestre, corri em direção às portas da Cidade da Auto-Avaliação. Sobre os seus portões estava escrito: "At-ta 'ibu min adh-dhanbi ka-man la adhnaba" ("Aquele que se arrependeu é como aquele que nunca cometeu um pecado"). Eu dei a minha senha, arrependendo-me dos meus pecados e entrei na cidade. Eu vi que esta cidade era consideravelmente menos apinhada que a Cidade da Escuridão de onde eu vinha. Eu diria que sua população era mais ou menos a metade da primeira.

Depois de ali ter ficado por algum tempo, descobri que existia um homem de conhecimento que conhecia o Santo Corão e o explicava. Fui até ele e o saldei. Ele me retribuiu a saudação e desejou que a paz e as bênçãos de Allah recaíssem sobre mim. Embora o rei da cidade das Trevas tivesse me dito que também governava aquela parte, eu tentei confirmar isto com o meu professor, perguntando-lhe o nome do nosso soberano. Ele confirmou que eles também estavam debaixo da autoridade e jurisdição de sua Altíssima Esperteza, mas que ali possuíam os seus próprios administradores, cujos nomes eram Arrogância, Hipocrisia, Orgulho e Fanatismo.

Na população havia vários homens de conhecimento, que pareciam virtuosos, pois, devotos e corretos. Fiz amizade com estes homens e os descobri aflitos também pela arrogância, egoísmo, ambição, orgulho e, na sua amizade, por insinceridade. Eram hostis uns com os outros, armando-se armadilhas mutuamente. O que posso dizer pelo melhor deles é que eles rezavam e tentavam seguir os mandamentos de Allah porque temiam a punição de Allah e o Inferno e esperavam uma vida eterna, prazerosa, no Paraíso.

Eu perguntei a um deles sobre a cidade da escuridão lá fora e me queixei das pessoas ali vivendo. Ele concordou e disse que a população daquela cidade consistia de ateus corruptos, sediciosos e assassinos. Eles não tinham fé, nem nunca rezavam. Ele disse que eram beberões, adúlteros, pederastas, totalmente inconscientes e irresponsáveis. Mas, de tempos em tempos, por algum tipo de orientação misteriosa, eles eram levados para a cidade da Auto-Avaliação. Então eles descobriam o que tinham feito e se arrependiam e pediam por perdão. Na sua cidade, disse o professor, eles não sabiam o que estavam fazendo, portanto nunca lhes ocorria arrependem-se e pedir perdão. Portanto, eles não se ajudavam mutuamente nem ninguém intercedia por eles.

Quando eu entrei na Cidade da Auto-Avaliação, havia visto no seu centro um outro castelo. Perguntei aos estudiosos o nome do castelo. Me foi dito que o seu nome era Mulhima, a Cidade do Amor e da Inspiração. Perguntei sobre o seu governante, e me foi dito que o seu nome era Agli Ma'ad, Sua Sabedoria Altíssima, Aquele Que Conhece Allah. Este rei, disse o meu informante, tinha um primeiro ministro cujo nome era Amor.

"Se um de nós penetrar na cidade do Amor e Inspiração", prosseguiu ele, "nós não o aceitamos de volta na nossa cidade. Qualquer pessoa que ali vai, torna-se como o resto da população da cidade - totalmente ligado ao primeiro-ministro. Cai apaixonado com ele, e está pronto a abandonar tudo - tudo o que tem, suas posses, família, filhos e mesmo a sua vida - pelo bem daquele primeiro-ministro chamado Amor. Nosso Sultão,

Sua Alteza Esperteza, acha que este atributo é absolutamente inaceitável. Teme a influência daqueles que possuem esta qualidade, porque tanto sua lealdade como suas ações parecem ilógicas e não são compreensíveis pelo Bom Senso.

"Ouvimos dizer que as pessoas daquela cidade chamam a Allah cantando e dançando, mesmo com o acompanhamento de flautas de junco, tambores e tamborins e assim o fazendo, perdem os sentidos e entram em êxtase. Nossos líderes religiosos e teólogos consideram isso tudo como inaceitável de acordo com as nossas regras ortodoxas. Portanto, nenhum de nós sequer sonha em colocar os pés na Cidade do Amor e da Inspiração."

Quando eu ouvi aquilo, senti um terrível desconforto pela Cidade da Auto-Avaliação e corri em direção da abençoada Cidade do Amor e da Inspiração. Por sobre o seu portão eu li: bab ul-jannati maktub: la ilaha illa Llah. Eu recitei alto a frase sagrada lâ illâha illâ Llâh: "Não há deus a não ser Allah" - me prostrei e ofereci minha sincera gratidão. Nisto, o portão se abriu e eu entrei.

Logo encontrei um alojamento dervixe, onde vi os poderosos e humildes, juntos, como se fossem um único ser. Eu os vi amando e respeitando uns aos outros, servindo-se mutuamente em consideração, reverência e deferência, num estado contínuo de pura alegria. Estavam conversando, cantando suas canções, e sua conversa era cativante, bela, sempre sobre Allah e o porvir espiritual, removida de toda e qualquer dor e ansiedade, como se estivessem vivendo no Paraíso. Nada vi ali que se assemelhasse a uma disputa ou briga, nada nocivo ou perigoso. Não havia intriga ou malícia, inveja ou maledicência. Senti ali, imediatamente, uma paz, conforto e alegria entre eles.

Vi um velho maravilhoso, com a sabedoria e consciência brilhando à sua volta. Fui atraído a ele e a ele me dirigi: "Oh, meu querido, sou um pobre viajante doente, buscando um remédio para esta minha doença de escuridão e inconsciência. Existe algum médico nesta cidade de Amor e Inspiração para me curar?"

Ele ficou quieto por algum tempo. Perguntei o seu nome. Ele respondeu que era Hidayah - Orientação. Então ele me disse: "Meu outro nome é Sinceridade. Desde tempos imemoriais, sequer uma mentira passou por estes lábios. Meu dever e tarefa é o de mostrar a estrada para aqueles que sinceramente buscam a união com o Amado. E para você eu digo:

Serve ao teu senhor até que venha a ti
aquilo que é certeza. (Surah Hijr,99)
E lembra o nome do teu senhor e devota-te
a Ele com completa devoção. (Surah Muzammil,8)

"Você é também um amante sincero: ouça-me com o ouvido do teu coração. Existem quatro distritos nesta Cidade do Amor e da Inspiração a qual você chegou. Estes quatro distritos estão um dentro do outro. O mais externo é chamado Muqallid, o distrito dos imitadores. O médico hábil que você fala e procura para curar seus males não está naquele distrito. Nem nele está a farmácia que possui o remédio para a doença da irresponsabilidade, escuridão do coração e do politeísmo oculto. Embora você vá encontrar muitos que se anunciam como doutores do coração - parecendo-se como, vestindo-se com roupagem e usando grandes turbantes, declarando-se como homens

sábios enquanto tentam esconder a sua ignorância, sua depravação, sua ausência de caráter, incapazes de provar aquilo que proclamam ser, buscando a fama e ambiciosos pelo mundo - eles próprios estão doentes com a doença de si mesmos. Eles se consideram sócios de Allah e no entanto são mestres apenas da imitação. Eles escondem a sua intriga, duplicidade e malícia muito bem. São inteligentes, perceptivos, alegres e bem humorados, bons vivants. Embora suas línguas pareçam estar pronunciando as orações e os nomes de Allah, e você frequentemente os encontre nos círculos dos dervixes, suas mentes, que os guiam, não lhes apontam a influência e benefícios das suas orações. Portanto você não irá encontrar neles o bálsamo para mitigar as dores da inconsciência e do esquecimento. Você deveria abandonar este distrito de imitadores e buscar refúgio no distrito de Jujahid, o distrito dos guerreiros."

Eu segui o seu conselho e fui para o distrito dos guerreiros. As pessoas que ali encontrei eram fracas e magras, gentis, pensativas, gratas, devotas à oração, obediência, jejum, contemplação e meditação. Suas forças estavam em colocar em ação aquilo que elas sabiam. Me aproximei delas e vi que elas haviam abandonado todas as falhas de caráter produzidas pelo egoísmo e pela sombra da inconsciência. Haviam formado um talento para serem servis, agradarem ao seu senhor e contentes com o seu estado. Fiquei naquele distrito dos guerreiros gentis por muitos anos. Agi como eles agiam e vivi como eles viviam, observando como eu vivia e não deixando sequer passar um momento em descuido. Eu aprendi e mostrei paciência e fortitude, e aprendi a estar contente e satisfeito com o que tinha.

Eu lutei duro, dia e noite, com o meu ego, mas ainda assim me restava o politeísmo dos muitos "meus" e "eus" lutando entre si, mesmo embora encarassem Allah. Isto, a minha doença de shirk khafi - a colocação de muitos "eus" como parceiros de Allah, produziu muitas sombras no meu coração, escondeu a verdade e manteve-me no descuido.

Falei com os médicos do distrito, implorei a eles. Contei-lhes da minha doença, o meu politeísmo oculto, aquele descuido horrendo, a escuridão do coração, e pedi por ajuda. Eles me disseram: "Mesmo neste lugar, daqueles que lutam contra seus egos, não existe cura para seus males, porque:

Ele está com você onde quer que você esteja." (Surah Hadid, 4)

Então eles me aconselharam a viajar na direção do castelo de Mutma'ina, a Cidade da Paz e Tranquilidade. Próximo daquela cidade havia um distrito chamado de Munajaat wa Muraqaba - súplica e meditação. Talvez ali, disseram eles, eu encontraria um médico para me curar.

Quando cheguei ao distrito da meditação, vi os seus habitantes, quietos e pacíficos, recordando Allah internamente, recitando Seus Belos Nomes. Para cada um deles, um filho do coração havia nascido. Eles ficavam imóveis, cabisbaixos na presença do seu Senhor, silenciosos, melancólicos, tristes, em profunda humildade e veneração. Embora o seu exterior parecesse aniquilado, arruinado, seus corações brilhavam e floresciam.

Seus modos eram gentis e corteses. Raramente falavam um com o outro por medo de distraírem a atenção focalizada no Uno, em cuja presença se sentiam continuamente, e evitavam interromper a meditação. Leves como plumas eles eram, e ainda assim, temiam sobretudo serem fardos e uma carga para os demais.

Fiquei muitos anos no distrito da Meditação e Contemplação, fiz o que eles faziam, e realmente pensei que eu estava finalmente curado do descuido, politeísmo e da inconsciência. Mas eu ainda não estava curado do dualismo oculto do "eu" e "Ele" que ainda manchava o meu coração.

Minhas lágrimas caíram em torrentes. Desolado e perdido e em total desespero eu caí num estado estranho onde um oceano de tristeza me rodeava. Eu desejava me afogar neste oceano. Não encontrei nenhuma solução senão morrer. Mas eu não podia fazer nada, eu não tinha vontade, nem sequer para morrer.

Ali fiquei eu, indefeso, triste, em êxtase, quando apareceu um belo professor, o mesmo que havia encontrado anteriormente naquelas terras estranhas, aquele que era chamado de Hidaya, o Guia. Ele olhou para mim com olhos cheios de compaixão: "Oh pobre escravo de si mesmo, em exílio nesta terra estranha! Oh vagabundo longe do teu lar! Oh pobre desgraçado, que não pode encontrar a cura deste estado de espírito. Abandona este lugar. Vai para aquele distrito lá longe, próximo aos portais do castelo de Mutma'ina. O nome daquele lugar é Faná - a auto-aniquilação. Ali você encontrará médicos que aniquilaram os seus eus, que não possuem ser, que conhecem o segredo do fa-afnu thumma afnu fa-abku thumma abku - "não seja nada, para que você seja, para sempre".

Imediatamente eu fui para o distrito da aniquilação. Eu vi a sua população muda, sem palavras, como morta, sem forças sequer para emitir uma palavra. Haviam abandonado a esperança de qualquer benefício da fala e estavam prontas para darem suas almas para o anjo da morte. Estavam totalmente despreocupadas com a minha presença.

Não vi nenhum tipo de atividade entre eles a não ser a realização das orações cinco vezes ao dia. Haviam perdido o conceito de separação entre este mundo e o porvir, esquecidos disto. A dor e a alegria eram iguais para eles. Eles não tinham nenhuma vontade de coisas materiais ou espirituais. Nenhum pensamento os preocupava. Não se recordavam de nada, nem buscavam nada, não esperavam nada. Tudo o que era necessidade ou desejo lhes era estranho. Eles haviam mesmo parado de pedir a que Allah os ajudasse.

Eu fiquei com eles por muitos anos. Fiz o que faziam. Não me diferenciava deles, mas sabia do seu estado interno e não conseguia fazer o que eles faziam internamente.

Mesmo naquele lugar, entre eles, eu senti uma grande dor. Porém, quando eu quis descrever os sintomas da minha doença, eu não podia encontrar um corpo ou uma existência para poder dizer: "Isto é o meu corpo" ou "isto sou eu". Então eu soube que aquilo que era "mim" havia sido devolvido para o Possuidor de "mim". Então eu soube que dizer: "Aquele ser é meu" é uma mentira, e mentir é um pecado para todos. Então eu soube que pedir para o real proprietário por aquilo que era "meu" era o politeísmo oculto do qual eu desejava me livrar. O que, então, era para ser feito?

Em espanto, eu vi que estava livre de todos os meus desejos. Eu chorei e chorei. No meu desespero, se eu viesse a chamá-Lo e dissesse: "Oh Senhor" então haveriam dois - eu e Ele, eu e o Uno a quem peço ajuda, a vontade e Aquele que Tem a Vontade, o desejo e o Desejado, o amante e o Amado, e tantos, tantos. Eu não conhecia o remédio.

O meu choro desesperado chamou a atenção do anjo da inspiração, ao qual o seu Senhor havia encarregado de ensinar os amantes. Com a permissão do seu Senhor ele leu para mim do livro da inspiração divina: "Primeiro aniquila as tuas ações".

Ele me deu isto como um presente. Quando estiquei a mão para recebê-lo, vi que não mais existia uma mão. Ela era um composto de água, terra, éter e fogo. Eu não tinha mão para pegá-lo, não tinha poder para agir. Existe apenas Um que tem o poder, o Todo-Poderoso, seja qual ação que ocorra através de mim, pertence ao Ator Absoluto. Todo o poder, todos os atos, eu refiro a Ele, e abandono tudo que aconteceu para mim e através de mim, neste mundo. Eu sabia, como havia sido ensinado pelo anjo da inspiração, o que a aniquilação das ações representa. E todas as honras são devidas a Allah. A prova da necessidade de nos descartarmos das nossas ações no caminho da verdade está no verso do Santo Corão:

Qul kullun min 'inda Llahi ("Diga, toda [ação] é de Allah")

Sou iletrado e não fui ensinado, ainda assim Allah, o Mais Elevado na Sua Manifestação da Verdade Última me agraciou com a habilidade e poder para ensinar. O que é aqui relatado são ocorrências que aconteceram comigo, experiências que me trouxeram um estado de mente e espírito, como é dito: al-halu la hu 'rafu bil qal - os estados não podem ser descritos por palavras - não é possível descrever estes estados para que os outros possam apreciá-los ou mesmo imaginá-los.

Então eu desejei, com a permissão de Allah, e com a ajuda do anjo da inspiração, abandonar os meus atributos - aquelas qualidades que produzem a personalidade de alguém. Quando eu olhei, o que eu vi não era meu. Quando eu falei, o que eu disse não era meu. Nem sequer o conteúdo do que eu falei era meu. Totalmente indefeso, eu fui cortado de todos os meus atributos, visíveis e invisíveis, que me distinguiam, todas as qualidades externas e internas que faziam de mim um "eu".

Com todo o meu ser e sentimentos e espírito eu me supus uma essência pura. Então eu senti que mesmo isto era dualidade. O que tenho de fazer, que relação devo ter, com algo que não me pertence? Mais uma vez estava indefeso.

Então até mesmo a minha essência me foi tomada. Ainda assim eu desejava e pedia por Ele. Eu compreendi o significado de wa talibu 'ayni ábdi - "Aquele que me deseja é meu verdadeiro servo". Desgraça para este "me" em "mim", não sei o que fazer. Indefeso eu desejo a união.

"Allah que engloba todas as coisas" - Aquele que "está antes de tudo e depois de tudo, e tudo o que é evidente e tudo o que é oculto, e Ele é o que Conhece todas as coisas" - tornou-se manifesto no segredo do meu coração.

Mesmo então eu desejava que o segredo do "morrer antes de morrer" acontecesse comigo. Oh desgraça, mais uma vez acontece esta dualidade oculta entre o Eu e o Uno que almejo. Isto também não pode ser a verdade.

Que doença é esta que me dá dores quando eu me movo, quando eu desejo, procuro, peço ajuda, aquilo que rezo ou mendigo? Em que estranho estado caí, difícil de resolver?

Indefeso, entreguei tudo para o Possuidor e esperei frente às Portas da Aquiescência na agonia da morte, sem sentidos, sem pensar ou sentir, como que morto, esperando que a morte chegasse a qualquer respiro. Fiquei neste estado não sei por quanto tempo.

Seguindo o conselho "Pergunta ao teu coração" eu pedi para o meu coração me instruir. Ele disse: "Enquanto houver sequer um traço de você em você mesmo, você não pode ouvir o chamado do teu Senhor: Irji - 'Vem a mim!'."

Se um gato cai num poço de sal e morre ali, e com tempo se transforma em sal, se só restasse um único pelo, poderia aquele mesmo sal ser usado como alimento? Quão freqüentemente e longamente os teólogos debatem e discutem tais assuntos? Alguns dizem que apesar do único pelo, o sal está puro, que o cadáver do gato é agora sal, outros afirmam que um único pelo é tanto gato como se fosse o corpo inteiro do gato, portanto o sal é impuro e ilegal para alimentação.

Eu senti a verdade disto e desejei que aquele traço de "mim" viesse a morrer. Eu imergi este traço na beatitude divina. Um êxtase surgiu, de mim, para mim, sobre tudo o que era meu, cobrindo tudo, o sabor do qual é impossível descrever. Sem ouvidos, sem palavras, sem letras eu li o convite: Irji - "Vem"

Eu tentei pensar, "O que é este estado". Meus pensamentos não podiam pensá-lo. Me foi feito saber que o pensamento não pode raciocinar sobre o segredo secreto. Mesmo este conhecimento me foi tomado tão rápido quanto veio.

Oh buscador, o que foi dito aqui não foi dirigido para mostrar o que eu sei. Portanto, isto só lhe será feito conhecer depois que eu tiver desaparecido do meio de vós. É para benefício daqueles que buscam a verdade, os amantes que buscam o Amado, para que isto os possa ajudar a se conhecerem, para que possam descobrir em quais das cidades que atravessei eles se situam, e com quais dos habitantes devem tentar fazer amizades. Quando, e em sinceridade, eles conhecerem o seu lugar, irão agir de acordo, e conhecer a direção dos portões do Contentamento de Allah, e ficarão gratos. Talvez vocês venham a se recordar deste faquir, escritor destas palavras, com uma pequena oração.

(Que a paz de Allah e suas bênçãos estejam sobre o escritor original destas palavras e sobre todos aqueles que as ouçam.)